

Memória, mediações, práticas culturais em uma escola de educação integral: o CIEP Avenida dos Desfiles/Passarela do Samba no bairro do Catumbi

Memory, mediations, cultural practices in a full-time education school: Ciep Avenida dos desfiles/Passarela do Samba in Catumbi neighborhood

Jenesi Genuncio¹

Resumo:

Este artigo é fruto de alguns anos de experiência e reflexões sobre a aproximação entre instituição escolar e organização comunitária. Para desenvolvê-lo, analisamos o programa de Animação Cultural Anos 1980, implementado nos Centros Integrados de Educação Pública - CIEP do Estado do Rio de Janeiro. O conceito de mediação cultural, advindo das ideias de Gramsci, foi fundamental para que o desenvolvimento do artigo fosse conduzido pelas tensões entre teoria e prática, conforme propôs o pensador italiano.

Palavras-chaves: CIEP; mediação cultural; animação cultural anos 1980.

Abstract:

This article is the result of some years of experience and reflections on the rapprochement between school institutions and community organizations. To develop it, we analyzed the 1980s Cultural Animation program, implemented in the Integrated Public Education Centers – CIEP in the state of Rio de Janeiro. The concept of cultural mediation, arising from Gramsci's ideas, was fundamental for the development of the article to be driven by the tensions between theory and practice, as proposed by the Italian thinker.

Keywords: CIEP; cultural mediation; cultural animation 1980s.

1 Introdução

O que apresentamos no artigo é o núcleo principal da tese de doutoramento, no qual se procura rememorar as interlocuções entre as ações mediadas pelos animadores culturais lotados no Centro de Artes do CIEP Avenida dos Desfiles/Passarela do Samba e na comunidade do

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Catumbi e seu entorno, no sentido de decifrar o que representou o tempo livre escolar. Ou seja, o que se buscou foi analisar o potencial libertador de uma educação pela experiência.

Nessas interlocuções foram incluídas entrevistas com animadores culturais, intelectuais, membros da comunidade e alunos e análise de documentos oficiais e não oficiais, dos quais sobressai a importância do I PEE na luta a favor do patrimônio do bairro do Catumbi e arredores e da valorização da cultura local, no sentido de superar a clássica divisão entre os que falam e os que não falam, os cultos e os incultos, os que detêm poder e os que apenas fazem, produzem e nada possuem.

Dedicar-se a essas vozes anônimas de vidas comuns é tomar partido das desigualdades e retirá-las do silêncio, narrando a história de um lugar, de uma cidade e de um país.

Uma das grandes viradas da historiografia no século XX foi a “História vista de baixo”, isto é, uma mudança na pauta de pesquisas tendo em vista a busca de narrativas populares, do cotidiano, das oralidades, de populações muitas vezes iletradas, ou seja, que não faziam parte da história oficial (escrita e registrada). Em lugar de apenas definir vidas por meio dos documentos oficiais, na órbita da escrita, ampliou-se o corpo dos vestígios, dos rastros, antes invisíveis. Mas para tomar partido das vozes comuns e silenciadas é preciso mais que nunca detalhes, informações e reflexões, que precisam ser desencavadas e mediadas (Sharpe, 1992).

Assim, ouvir a voz de quem não tem voz e registrá-la para outros tempos, trabalho necessário da integração entre a educação e a cultura na vida da comunidade e de seu futuro.

O que nos fez buscar a pesquisa como possibilidade é a interação possível entre o mundo da cultura e o da educação, para a transformação deste mundo em outro mais solidário. Assim, partindo de nossas inferências iniciais, levamos em consideração as dimensões políticas, econômicas e culturais, no que tange às ocorrências cotidianas relatadas por profissionais do CIEP, intelectuais, lideranças comunitárias e animadores culturais, buscando explicitá-las nessas dimensões e em suas relações com aquele momento histórico no Rio de Janeiro e no Brasil.

2 1ª Mediação Cultural: a Oficina da Memória Histórica

Em 1967, já sob o governo de Negrão de Lima, o bairro do Catumbi e seu entorno quase foi extinto pela reforma urbana iniciada pelo ex-governador da antiga Guanabara Carlos Lacerda, que tinha como meta a implantação do Plano Viário da Cidade Nova (Nunes, 1978).

Cada época estabelece suas escolhas na construção da lembrança e do esquecimento. Há lutas que são travadas e que continuam presentes desde a construção de muros de isolamentos

em determinadas favelas estratégicas da cidade, assim como o deslocamento de trabalhadores situados em áreas de risco para longe do lugar onde moravam, levando-os a perder não só laços de identidade como também o bairro e o emprego.

No Catumbi coexistem residências antigas nos mais diversos níveis de preservação e serviços públicos e privados, tais como: cemitério, presídio (extinto e onde hoje está construído um conjunto habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida), obras sociais da Igreja, espaços culturais, oficinas etc. Acrescente-se, ainda, que o bairro é cercado por complexo de favelas: Coroa, Fogueteiro, São Carlos e Mineira, além de estar incluído como território no bairro de Santa Teresa / Centro do Rio de Janeiro.

O bairro é um reduto tradicional do samba e abriga blocos carnavalescos tradicionais. Tanta diversidade significativa deu lugar a práticas de identificação comunitária, os moradores conseguiram se organizar em torno de uma Associação de Moradores que, desde 1967, vinha lutando contra os planos oficiais de renovação urbana, que ignoravam os seus valores de permanência e sociabilidade. O que se conceitua como vida comunitária é um conjunto de desempenhos com suportes de palcos, cenários, locações, sejam eles espaços fechados, privatizados em maior ou menor grau (casas, lojas, oficinas, escolas, bares) ou espaços abertos de uso coletivo (ruas, becos, largos, praças, jardins públicos etc.). Nos espaços abertos acontecem jogos, reuniões, festas, encontros, cerimônias e atividades assemelhadas que se contrapõem às ideias de privacidade e de reservado, e a rua é o seu lugar privilegiado. É aí que deve estar o que é de todos, de modo contrário ao que se realiza em locais fechados.

A recriação de espaços para expansão de sua vida privada para além do espaço interior da casa, a reconquista da rua, da esquina, da praça, são vitórias contra a mercantilização cultural e os propósitos de entretenimento. Por esses espaços revalorizados transita o sujeito que fala, que se expõe e que gera conflitos, com suas diferenças e suas várias idades. Crianças, adolescentes e idosos à margem da vida produtiva do sistema capitalista estão diretamente interligados nesses espaços, reafirmando neles presença e importância.

O movimento de moradores no Catumbi acontecido em 1977 é uma reação também à especulação imobiliária, ao recriar formas de convívio social, ao reacender o espírito comunitário, ao revalorizar as trocas, as necessidades e as experiências com a vizinhança e os serviços oferecidos no local.

Uma pedagogia da festa, aposta na revalorização do lúdico, dos jogos, das celebrações das festas e do lazer, aparece como reação à transformação das pessoas em apenas meras consumidoras. A participação direta na discussão dos grandes temas da política, na luta pela solução de problemas sociais e do cotidiano, no esforço para construir alternativas próprias do

ócio e do prazer juntam-se aos ingredientes que fez do movimento de moradores uma forma de manifestação política, de cultura, o que chamamos de “artes comunitárias”.

Quando começamos o trabalho de ação cultural no Catumbi, por meio do Centro de Artes/CIEP Avenida dos Desfiles, em 1985, duas situações chamavam a atenção dos animadores culturais para a elaboração de uma oficina que recriasse a forma de lazer e o despejo dos moradores que ocorrera em 1977 e que provocou imensa mobilização por parte dos moradores. A Oficina da Memória Histórica tinha os seguintes objetivos:

- compreensão e discussão do processo histórico do ponto de vista das classes populares (o sujeito que fala);
- introdução dos alunos e participantes da comunidade no ato do fazer teatral, e
- conhecimento integrado das linguagens artísticas, visando seu aprimoramento, inserção na comunidade e constituição de futuros grupos culturais na(s) comunidade(s).

A meta final foi montar um espetáculo chamado de *Na Zona do Agrião*.

Também buscamos apoio em outras instituições locais e da cidade: Associação de Moradores do Catumbi, Fundação Rio Arte, Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Educação.

O Centro de Pesquisas Urbanas do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) realizou no bairro do Catumbi em junho de 1980 uma pesquisa que teve o objetivo de abordar o bairro como expressão própria, cujos lugares dizem algo, a respeito da dimensão poética do urbano. O que me leva a dizer que existe uma “poética da cidade”, a qual não se restringe ao domínio dos poetas, mas traduz a “quantidade dos lugares” e as percepções dos seus moradores.

A pesquisa realizada pelo IBAM serviu de roteiro na escolha de algumas ruas do bairro para a realização de um projeto especial, o qual foi denominado de “Oficina da Memória Histórica”, que contou com a participação de alunos de 5ª a 8ª séries do segmento escolar do CIEP Avenida dos Desfiles, e pessoas da comunidade, assim como lideranças locais, como foi o caso de Manuel Santana, então presidente do Bloco Carnavalesco “Vai Quem Quer”, localizado na Rua do Catumbi, nº 23. Essa oficina contou com as mediações dos Animadores Culturais do CIEP e aconteciam aos sábados e duravam quatro meses.

Na justificativa da tese, falo da cultura popular definida por uma densa experiência sociocultural que, embora subalternizada se mostrasse, representava um fator de resistência cultural e de acompanhamento crítico do violento processo de modernização que destruiu a

Praça Onze, a Cidade Nova, o Catumbi, o Centro Histórico, principalmente. Foi o que aconteceu em 1967 e após, quando um amplo movimento político e cultural resistiu às injunções autoritárias do governo de então. Como se constata na entrevista concedida pelo padre Mário², que na época pertencia ao grupo de missionários salesianos na Paróquia do Bairro do Catumbi:

Em 1967, repercutia na imprensa o despejo de 30 mil moradores da Cidade Nova, incluindo parte do Bairro do Catumbi. Em dois meses, teriam de deixar a área. Lembro-me bem, no dia 10 de janeiro, os moradores do bairro, alarmados pela notícia, se reuniram no salão paroquial para saber os detalhes do despejo.

[...]

Havia mais de mil pessoas. Havia um forte apelo para que toda a comunidade se unisse, lutasse e os moradores se reunissem para serem incluídos no projeto. Como não havia liderança para assumir a luta, além de outros esclarecimentos, eu insisti para que o povo se organizasse e se defendesse, exigindo a inclusão de todas as famílias, prioritariamente, no plano habitacional para 50 mil famílias.

[...]

Na época da desapropriação do bairro após remoção das favelas da zona sul, o governo falava até de remover os morros de São Carlos, São José Operário e Querosene. A posição firme da Paróquia, das Associações de Favelas e da Federação de Associações de Favelas do estado do Rio de Janeiro – FAFERJ, impediram qualquer tentativa do governo de remoção. [...]

Na entrevista, Padre Mário enfatiza que, já antes, em 1962, o Governo do estado da Guanabara tentara fechar a escola existente na parte de cima do Morro do Catumbi e o papel importante da Igreja de Salette nos grupos bíblicos para impedir o fechamento da escola, o que acabou não acontecendo.

Desse modo, podemos incluir também o padre Mário como sendo um mediador da luta das histórias dos “de baixo”, não mais como um guia do tipo idealista que pretendia elevar o nível de consciência política do povo nem condutor das massas, das vozes insurgentes, timoneiro da Boa Esperança.

Nessa resistência de cunho político-cultural não podemos esquecer-nos dos escritos de Gramsci compilados por Liguori e Voza (2017), particularmente sobre o conceito de sociedade civil, em que se privilegia a relação entre cultura e política. O filósofo marxista aponta para a necessidade de a classe trabalhadora promover a sua visão de mundo nos diversos planos da sociedade civil, uma luta contra a classe dirigente e dominante.

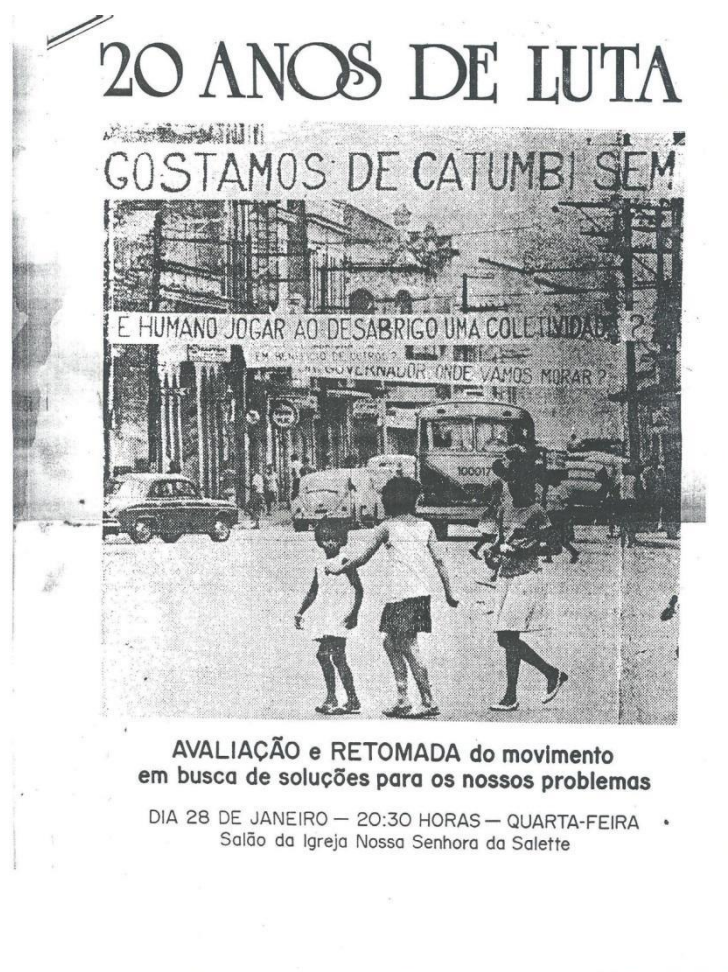
Para Gramsci, o poder da classe dirigente e dominante repousa sobre instrumentos coercitivos, mas nunca dispensa outra dimensão, que se expressa como persuasão e relativo

² Entrevista concedida à autora da Dissertação de Mestrado no PROPED/UERJ, Lúcia Teresa Romanholli, denominada Vestígios da ditadura na escola pública carioca: o grito da voz silenciada, publicada em 2016.

consentimento, como se observa através de todas as formas de difusão. Ou seja, contrariando o autoritarismo irracional das elites, para Gramsci, a coação e a disciplina são importantes na formação de uma vida de trabalho.

A dimensão coercitiva cabe ao Estado, mas a sociedade civil (economia e instituições privadas) é o palco onde se disputa em épocas de conflito a hegemonia, ou seja, a direção mental da sociedade, exercida pelo bloco histórico (aliança de classes e grupos antagônicos acoplados a um mesmo modo de produção) por meio de uma ideologia elaborada pela camada de intelectuais, com os objetivos de ser duradoura e desinteressada e construir um conhecimento lógico, estético, ético, capaz de sobreviver ao tempo e às diferenças culturais. É a luta entre os homens das palavras e os homens das ações que ele recupera em seus escritos. A imagem a seguir é da convocatória da Associação de Assistência e Orientação dos Moradores do Catumbi. Em 1987, quase os mesmos problemas de vinte anos antes permaneciam, entre os quais a falta de um plano habitacional para os moradores do bairro.

Figura 1- O bairro do Catumbi como símbolo de resistência.



Fonte: Associação de Moradores

A recuperação histórica que se pretendeu era que a partir da oficina se formassem novos atores/voluntários (alunos do Ciep e participantes locais), um roteiro de lembranças poéticas, musicais, de luta e prazer, estabelecendo paralelo entre o Rio Antigo e o Moderno, sua evolução urbana, através da ótica das classes populares. Como lembra Antônio Carlos, membro do Grupo Nós do Katumbi e ex-aluno do EJA do CIEP:

Convivi desde o início do nosso trabalho aqui na Apoteose, enfim, estudei [no CIEP Avenida dos Desfiles]. Aí, passando da adolescência, eu fiz teatro junto aos companheiros da comunidade. [...] Eu achei que o trabalho em si para a comunidade foi muito bom porque eles desciam para nos apoiar. Tanto o pessoal de “cima” como o pessoal de “baixo” [...] festejavam cada encenação nossa. A gente [foi] aprendendo ainda a conviver e a organizar as peças teatrais. Para eles, era novidade surgir alguma coisa aqui no bairro. E a gente contou com o apoio da comunidade em si, que eu chamava sempre Catumbi 1 e Catumbi 2, que era a parte de “cima” da comunidade, o morro. [...] A gente passou a fazer um trabalho mais sério porque reuniu muito mais pessoas fazendo [...] parte do nosso grupo, então nós fomos trazendo várias pessoas para o nosso lado; até hoje eles perguntam: — E aquele tempo, não vai voltar mais? Ninguém tem mais acesso. Assim muitas pessoas [...] aprenderam a tocar instrumento na época, além da gente aprender a fazer as peças teatrais (Entrevista Antonio Carlos ex-aluno do EJA do CIEP, 2018).

A arte em geral e o teatro em particular abrem caminhos para a conscientização social, isto é, a cidadania cultural. O que se confirma com as descobertas para os componentes do grupo de teatro Nós do Katumbi e o entendimento ampliado para os animadores culturais do CIEP Avenida dos Desfiles. Trata-se do exercício da contra hegemonia para reconstruir a realidade social, além das impregnações impostas “por cima” que buscam o consenso coletivo e aguçar o comprometimento político, sobretudo da importância da organização popular pela via cultural.

3 2ª Mediação: Samba Enredo em Homenagem aos 100 Anos de Abolição da Escravatura

Os eventos realizados no bairro do Catumbi de 1985 a 1988 reentronizaram os valores contidos nas tradições afro-brasileiras para celebrar as duas datas: uma da versão escolar oficial (13 de maio) e outra da versão silenciada (20 de novembro), esta, sim, que dá ênfase à cultura negra e à busca do fortalecimento da cidadania cultural e política.

No caso específico do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP, a comemoração foi realizada antecipadamente, em fevereiro de 1988, coincidindo com o calendário do carnaval, tendo como enredo *100 anos de abolição: Da escravidão à apoteose*, conforme registrado no documento da época.

A Corações Unidos surgiu da necessidade de se preservar a cultura popular brasileira e, em especial, a cultura da Zona do Agrião, como era chamado o bairro do Catumbi e suas adjacências. A Diretoria responsável pela Escola Mirim tinha uma proposta de trabalho que girava em torno de fazer do samba o fio condutor das atividades pedagógicas escolares. Na prática, se traduzia por meio de oficinas de percussão e de adereços e alegorias que serviram para o desfile da Escola, enquanto, no CIEP Passarela do Samba, os professores, em sala de aula, incluíram em seus planejamentos falar sobre o papel do negro na sociedade brasileira, incluindo suas manifestações culturais, suas lutas pela libertação e, em especial, a figura de Zumbi dos Palmares.

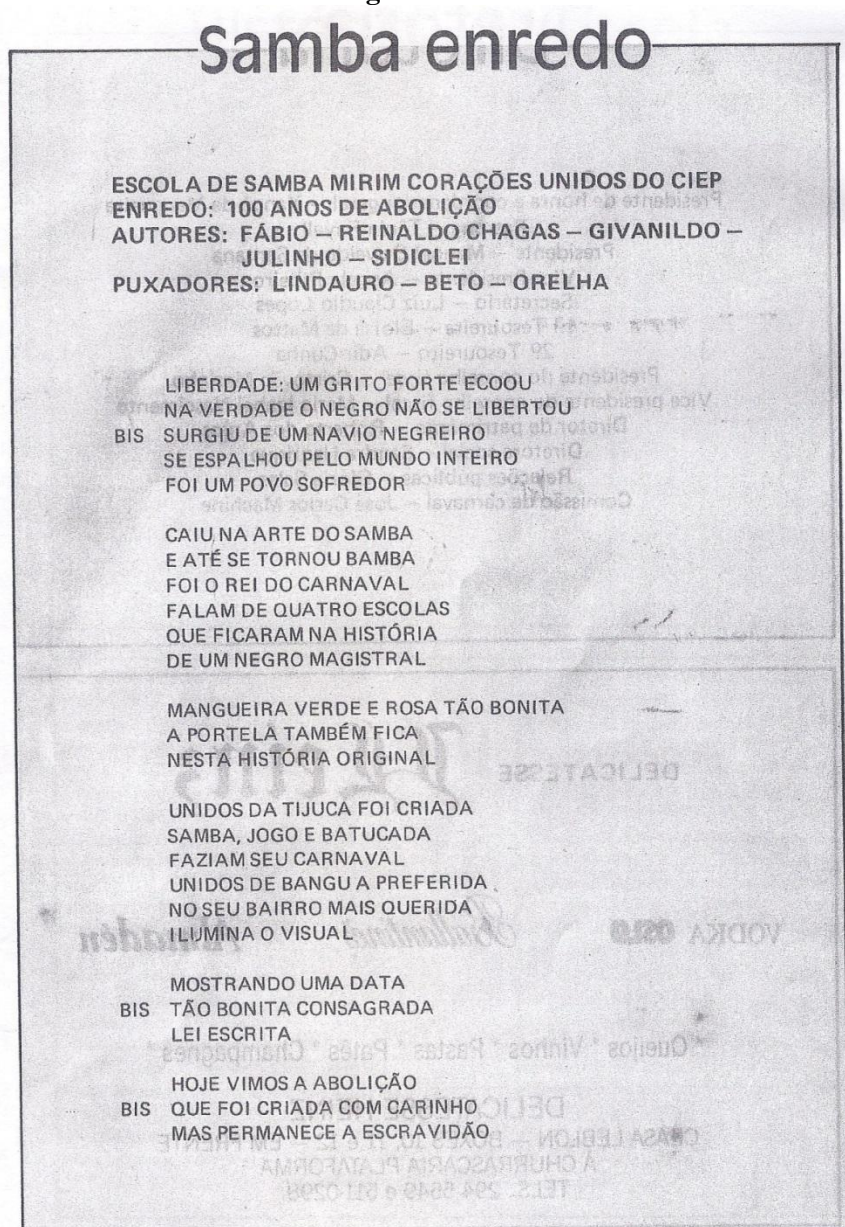
Em 1986, quando eu acompanhava, como representante da Animação Cultural os ensaios da Escola de Samba Mirim, que eram realizados aos sábados, tive a oportunidade de conhecer o Coordenador Geral do Projeto e Diretor de Harmonia, o lendário Xangô da Mangueira³, designado pela Riotur para exercer tais funções. Ele atuava como um verdadeiro maestro e mestre da arte de ensinar aos alunos o que é essencial num desfile de escola de samba:

- a forma de samba é o samba-enredo, a principal matéria-prima do desfile. Ele narra musicalmente a história que a escola vai contar;
- a cadência do samba-enredo é sustentada pela bateria, cuja função primordial é exatamente esta: dar coesão e unidade ao canto e garantir a cadência do samba;
- a bateria deve sempre estar entrosada com o canto, o que se chama de harmonia. Do intérprete ao último componente da última ala, o canto, para ter harmonia, deve estar afinado com a bateria;
- a harmonia deve estar articulada com a evolução, ou seja, com os movimentos da escola em toda a extensão da Avenida, só sendo gradativamente desmontada já na Praça da Apoteose do Samba. Não pode haver buracos, isto é, grandes distâncias entre componentes de uma ala e outra, ou entre componentes de uma mesma ala;
- a Porta-Bandeira, com a responsabilidade de carregar o estandarte, o símbolo da escola, devidamente protegida por seu guardião, o Mestre-Sala;
- por último, o papel da Comissão de Frente, como uma representação da Escola, notadamente composta de personalidades da agremiação.

Eu ouvia toda essa didática do mestre Xangô, com sua energia e autoridade perante os alunos, passada oralmente, o que nos remete à tradição de ensino de origem popular.

³ Além das funções no projeto Escola de Samba Mirim do CIEP Avenida dos Desfiles, Xangô foi diretor de Harmonia e membro da ala de compositores da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, além de compositor de sambas gravados por inúmeros artistas.

Figura 2 – Samba enredo.



Fonte: Folder da Animação Cultural.

O samba-enredo criado pelos alunos parece assegurar a compreensão da consciência crítica como parte integrante da ação histórica e, por extensão, da ação política que se requer amadurecendo: “Liberdade: um grito forte ecoou/Na verdade o negro não se libertou/Surgiu de um navio negreiro/Se espalhou pelo mundo inteiro/Foi um povo sofredor”.

O ativismo dos movimentos populares, dos clubes sociais negros, das escolas públicas em prol do dia 20 de novembro justificava a eleição de Zumbi dos Palmares como verdadeiro símbolo da resistência afro-brasileira, espelhada na figura de Martin Luther King, que foi mártir da luta afronorte americana pelos direitos civis. O dia de 20 novembro foi assumido como a

data que simboliza a luta pela resistência da população negra, entregue à própria sorte após a assinatura da Lei Áurea, ocorrida em 13 de maio de 1888, sem a realização das necessárias reformas que a integrasse socialmente.

Darcy Ribeiro (1986), em *O Livro dos CIEPs*, anunciava que a escola pública deveria servir como ponte entre os conhecimentos adquiridos pelos alunos e os conhecimentos formais construídos pela sociedade. A proposta pedagógica contida no livro buscava romper com o “antigo isolamento da escola pública, para fazer dela uma promotora efetiva da maior participação das classes mais pobres”. O que para nós significa ter o negro e as causas que são importantes para ele como eixo de estudo da educação e da cultura, no caso uma educação antirracista.

Em sintonia com as diretrizes estabelecidas no livro do antropólogo, o que a nossa pesquisa assinala é que a escola primária de horário parcial se especializou no atendimento das crianças das classes médias, que têm um ambiente familiar alfabetizador com amplo domínio do mundo letrado, o que facilita o aprendizado. Por sua vez, a criança de origem popular, negra, moradora das periferias e favelas das metrópoles brasileiras, é submetida a um sistema educacional em estado de calamidade, restando para ela o aprendizado da rua, conforme denunciava Darcy Ribeiro.

Conforme Frigotto (2010), a escola que nos anos de 1980, era uma escola conservadora, voltada apenas para o mercado de trabalho — uma verdadeira antecipação da doutrina neoliberal de hoje —, conflituava com um projeto de construção de escola pública democrática e de qualidade, que estivesse atenta no debate da cidadania plena que conjuga o individual ao coletivo, passo a passo, contra a realidade desumana que se apresentava no início dos anos de 1980.

4 Considerações finais

O potencial libertador de uma educação pela experiência é visível pelo samba enredo criado pelos alunos, conforme aparece na imagem acima. No samba, exemplo claro do exercício da arte com um papel questionador da história e por meio dela, recuperam-se e potencializam-se palavras gastas pela história oficial: liberdade, verdade, lei escrita. Um movimento em busca da emancipação e da identidade negra.

Ao longo da pesquisa, assinalo que essa tomada de consciência não deve estar deslocada da educação. A rigor, a Educação deveria falar do legado da herança negra, mas que, por uma questão de dominação, desconhece a riqueza e a resistência de contextos culturais dos Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 128-139, jan./jun., 2024

afrodescendentes brasileiros. Ela representa o que Williams (2007) convencionou chamar de “culturas residuais”, aquelas constituídas de valores de uma formação social anterior resistentes à cultura dominante.

A incorporação de “resíduos” de importantes áreas do passado investe a cultura dominante de um sentido nessas áreas investigadas. Cabe ao historiador analisar em que grau e de que forma se desenvolve esse processo em cada momento histórico específico. Para Löwy (2016), esses valores residuais podem e devem cumprir uma função crítica e de oposição à cultura dominante, à medida em que representam os domínios da experiência, das aspirações e feitos humanos que a cultura dominante deixa à margem.

Logo, em qualquer que seja o período estudado, precisamos pensar na escola que transforme as relações sociais capitalistas dominantes e, dentro de um debate mais amplo, a questão da cidadania plena para todos. No IPEE e, em particular, no CIEP Avenida dos Desfiles procuramos desconstruir a versão oficial da história brasileira focada na personagem princesa Isabel, trazendo à tona uma nova concepção sobre o racismo.

Desde a primeira infância são introjetadas sentenças sobre as crianças que não são brancas. Vejamos algumas das mais ditadas:

- “O negro foi escravo”;
- “A princesa Isabel libertou os escravos”;
- “Dia 13 de maio é dia de escravo”, e
- “Na África só tem pobreza e miséria”.

Portanto, o enfrentamento do racismo na escola deve-se encaminhar práticas diárias efetivamente antirracistas na luta contra os (pré) conceitos, a discriminação racial e a desigualdade social. E foi a busca dessa efetividade que gerou frutos, como, por exemplo, a mudança da data da comemoração da Abolição. Conforme o Movimento Negro Unificado (MNU) propunha em seus primórdios, o 20 de novembro é a data do encontro do povo com a sua identidade, com a sua história.

Nessa junção, escola de tempo integral e animação cultural, o maior legado deixado pela experiência rememorada, se dá, justamente, na concentração das necessidades históricas da população brasileira no que se refere ao acesso à educação e a cultura.

Referências

- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs.) *Dicionário Gramsciano (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LÖWY, Michael. Materialismo cultural e romantismo anticapitalista. *Revista Cult*, n. 217, out. 2016.
- NUNES, Guida. *Catumbi, rebelião de um povo traído: um caso de especulação imobiliária*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. *Nossa escola é uma calamidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- RIBEIRO, Darcy. *O livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro: Block Editores, 1986.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.